

HEGEMONIAS EM DISPUTA NA NICARÁGUA: DA REVOLUÇÃO SANDINISTA À IMPLANTAÇÃO DO NEOLIBERALISMO

Nicolle Montalvão Pereira*

Meire Mathias**

Introdução

Situada na América Central, entre Honduras e Costa Rica e banhada por ambos os oceanos Atlântico e Pacífico (Mapa 1), a Nicarágua¹ foi cenário de inúmeras disputas territoriais devido sua posição estratégica e seus recursos naturais. Em meados do século XVI, os índios *nicaraos* se renderam aos conquistadores e assim iniciaram-se longos anos de disputa do controle do país, passando pelos governos do Panamá, Honduras, Guatemala e até do México no começo do século XIX, proclamando sua independência somente em 1826, integrando às Províncias Unidas da América Central. Contudo, assim que a Nicarágua se organiza enquanto país, os Estados Unidos da América, principal interessado em manter seu “quintal” sob controle, passa a promover grandes intervenções no território nicaraguense e tem-se uma série de governos alinhados diretamente aos EUA até que, com o estabelecimento da Guarda Nacional² e com os Somoza³ no poder, o país norte-americano estabeleceu sua preponderância na relação entre tais nações, que perdurou quase quatro décadas e meia de ditadura.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGC/UEM); Professora QPM de Sociologia da rede pública de ensino PR; Integrante do Grupo de Pesquisa “Política, Estado e América Latina” (GPPEAL); Email: nicolle.mp@gmail.com.

** Doutora em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (UEM); Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Política, Estado e América Latina” (GPPEAL); Email: meire_mathias@uol.com.br

¹ Este artigo decorre de Trabalho apresentado no 9º Congresso Latinoamericano de Ciência Política, organizado pela Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP). Montevideú, julho de 2017.

² Sobre a Guarda Nacional, “criada em 1925, a Guarda tem como objetivo 'manter a ordem no País'. Treinada e comandada por norte-americanos, a Guarda Nacional é um 'exército profissional e apolítico'. Corporações iguais já existiam no Haiti, Filipinas e Panamá. Washington quer 'ordem' nesses países” (MAREGA, 1981, p. 27-28).

³ Anastasio Somoza (1896 – 1956), o “Tacho”, foi chefe da Guarda Nacional durante o governo de Juan Sacasa. Responsável pela morte do líder guerrilheiro Augusto César Sandino, Tacho Somoza toma o poder por vias de um golpe em 1936, dando início a um severo governo ditatorial que teve continuidade através de seu neto, Anastasio Somoza Debayle, o “Tachito”, totalizando 43 anos da família Somoza no governo da Nicarágua.

Mapa 1. Nicarágua.

Fonte CIA. World Factbook. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/graphics/maps/nu-map.gif>. Acesso em 09/06/2017.

Não obstante, toda a violência exercida neste período não impediu que a população nicaraguense se organizasse em uma frente de caráter popular capaz de promover um grande processo de transformação social, político e cultural, que foi a “Frente Sandinista de Libertação Nacional” - FSLN⁴. Com a inspiração da Revolução Cubana de 1959, os anos de 1960 foram fundamentais para a reorganização e surgimento de grupos militantes e a década de 1970 para a ofensiva revolucionária, que culminou com a derrubada da ditadura dos Somoza e deu início à Revolução Sandinista – ou Nicaraguense –, um peculiar processo de insurreição popular que, através da luta armada, derrubou a ditadura da família Somoza e reconstruiu um país em ruínas, configurando a tentativa de consolidação de uma hegemonia alternativa, portanto, um processo que visou produzir para além de transformações de ordem política, uma nova concepção de mundo.

Contudo, sabe-se que a construção de uma nova Nicarágua não se consolidou e o

⁴ Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), movimento fundado em 1962 com inspiração nos ideais do comandante guerrilheiro Augusto César Sandino (1895 – 1934), líder da resistência nacionalista entre as décadas de 1920 e 1930. Entre os principais objetivos da FSLN, estava a derrubada da ditadura somozista.

projeto revolucionário sandinista acabou por sucumbir. Com a vitória da liberal Violeta Chamorro nas eleições à presidência de 1990, com a crescente perda de apoio da população e com a pressão da contrarrevolução financiada diretamente pelos EUA, a Revolução Sandinista termina, deixando um legado apreciável e inspirador de processos de resistência latino-americanos.

Deste modo, considerando o contexto político da Guerra fria, destaca-se no âmbito da política internacional a disputa entre blocos hegemônicos e seus desdobramentos na América Latina, em especial na Nicarágua. Durante o processo da Revolução Sandinista, na face externa do Estado nicaraguense temos, de um lado, o alcance da força contrarrevolucionária dos EUA e, de outro, a ajuda militar e econômica de Cuba e da União das Repúblicas Socialistas (URSS). Na face interna do Estado, à luta para consolidação da hegemonia sandinista abarbou contradições, dividiu forças políticas e, a nosso ver, requer uma análise que ressalte o caráter transformista adquirido pela FSLN, que propiciou a decadência do processo revolucionário e as condições necessárias para o reestabelecimento da hegemonia burguesa na Nicarágua, mas sob uma nova ordem econômica, política e ideológica: a neoliberal.

A Revolução Sandinista enquanto experiência de construção de uma *nova* sociedade: hegemonia e crise

O processo revolucionário sandinista foi, portanto, a construção de uma nova sociedade. Sob essa perspectiva, considerando o conceito gramsciano de *hegemonia*, pode-se afirmar que a revolução nicaraguense configurou a construção de uma *nova* hegemonia. O processo de derrubada do regime ditatorial dos Somoza se dá como disputa hegemônica, e a revolução tinha como dever consolidar o projeto de uma nova Nicarágua.

Depois de quarenta anos sob uma ditadura, a Nicarágua passa por uma transformação que contempla a insurreição popular de forma excepcional. A Área de Propriedade do Povo (APP), a Campanha de Alfabetização Nacional, os ateliês de poesia, a Associação de Mulheres (AMNLAE), entre outros, contribuíram para a construção desta nova hegemonia: uma elevação da consciência das massas que motivou e propiciou a reconstrução de um país em ruínas, sob os ideais da Frente Sandinista. Para Mathias (2015, p. 72-73),

além da ação política, a hegemonia pressupõe a constituição de uma determinada moral; de uma concepção de mundo; numa ação que envolve questões de ordem

cultural, na intenção de que seja instaurado um “acordo coletivo” através da introjeção da mensagem simbólica, produzindo consciências falantes, sujeitos que sentem a vivência ideológica como sua verdade [...]. A hegemonia é algo que se conquista através da direção política e do consenso, e não exclusivamente pela coerção.

Assim, é importante frisar que a tentativa de consolidação da hegemonia na Nicarágua possui um caráter popular, onde a população em geral apoiou a revolução, um fator dos mais importantes – se não o principal – para o êxito do processo.

Para além do apoio popular, verifica-se ainda que alguns setores da burguesia se colocaram favoráveis à revolução sandinista, mas não de forma incondicional. Sobre o capitalismo e a constituição de uma burguesia na Nicarágua, afirma-se que:

A personalização do Estado e a política e o caráter evidentemente dinásticos da ditadura não devem encobrir o seu conteúdo de classe. Esses aspectos foram em definitivo produto e expressão do tipo de capitalismo meio burguês e meio oligárquico desenvolvido na Nicarágua através da sua insubordinação à dominação imperialista; um capitalismo no qual as linhagens familiares, as relações pessoais e o caudilhismo ainda eram a forma pela qual se manifestava o movimento de constituição de uma burguesia a partir do seio de uma sociedade oligárquica. (VILAS, 1986, p.38).

O apoio da burguesia⁵ à Revolução Sandinista partiu de setores que se colocaram contrários ao regime de Somoza, isto é, “frações opositoras e democráticas da burguesia” (VILAS, 1986, p.56), uma burguesia “progressista” que apoia os sandinistas e compõe inclusive a Junta de Governo. São burgueses que perderam seu poder político, mas mantiveram-se proprietários. Latifundiários, industriais e empresários como Violeta Chamorro, líder liberal, e Alfonso Robelo, líder do partido dos industriais, e demais burgueses tiveram suas propriedades (terras e indústrias) mantidas. As terras inicialmente distribuídas pela Reforma Agrária foram expropriadas dos Somoza e da *burguesia somozista* que fugiu do país.

Desta maneira, a coalizão entre FSLN e tais setores da burguesia não se limitou ao momento de derrubada do antigo regime, mas manteve-se mesmo após a queda de Somoza, com o intuito de seguir com o projeto de reconstrução da nova Nicarágua.

Vale ressaltar que estava posto anteriormente à revolução na Nicarágua uma ditadura. Desde o primeiro Somoza, havia no país um governo de domínio e coerção, não direção, uma “ditadura sem hegemonia”. No pensamento gramsciano, “hegemonia seria a de uma parte do grupo social sobre a totalidade do grupo, não a desse grupo sobre outras

⁵Logo, pode-se falar de uma burguesia de caráter progressista que apoiou o processo revolucionário e, ainda, uma *burguesia somozista* na Nicarágua, “um conjunto de famílias e altos oficiais da Guarda Nacional que gozaram dos benefícios em troca da sua lealdade ao regime” (VILAS, 1986, p.44).

forças com objetivo de fortalecer o movimento”, isto é, “a distinção entre hegemonia e ditadura; e hegemonia significa essencialmente capacidade de direção” (GRUPPI, 1978, p. 85). Desta forma, para além do processo revolucionário que se deu entre 1979 e 1990, a hegemonia na Nicarágua já estava em disputa (pois, desde Sandino até a FSLN ocorreram vários movimentos de oposição), que tem seu ápice na insurreição popular.

No que tange a Revolução Sandinista, sustentamos que foi a tentativa de consolidação de uma *nova* hegemonia, com disputas hegemônicas tanto internas como no contexto internacional, onde a FSLN situou-se enquanto dirigente do processo, não somente através da coerção – em relação aos somozistas – mas com consensos – em relação à burguesia “progressista”. Conforme destaca Luciano Gruppi (1978, p. 91),

É assim que avança uma nova hegemonia, antes mesmo que a classe que a expressa se torne dominante, quando ela ainda está na oposição e na luta pela conquista do poder. Mas, já antes da conquista do poder, a classe que está na oposição difunde suas próprias concepções e põe em crise a ideologia hegemônica. Na realidade, as revoluções se efetivam quando a classe dirigente deixa de ser tal, quando a sua hegemonia entra em crise.

Sobre a coalizão entre os sandinistas e setores da burguesia, entende-se que:

a hegemonia é algo que se conquista através da direção política e do consenso, e não exclusivamente pela coerção. O processo de construção da hegemonia dominante, além de agregar instituições, organismos internacionais, burocracias nacionais, relações sociais e ideias, implica em elaborar e difundir uma determinada visão de mundo com características universalizantes. Bem por isso, em Gramsci, a hegemonia se realiza quando encontra o caminho das mediações, que possibilitará ligações (e acordos) com outras forças políticas e sociais. (MATHIAS, 2016, p. 108-9).

E ainda, de acordo com Passos, tem-se “hegemonia como uma concepção de mundo, uma perspectiva multidimensional (moral, ético-política, econômica, social, cultural, ideológica, militar) nos mais diversos âmbitos (local, municipal, estadual, nacional, continental, internacional etc.)”. A rigor, numa forma plena da hegemonia, “há o componente de força e consenso com o predomínio deste último, isto é, trata-se de dominação mais direção, coerção mais o papel dirigente de um grupo, fração de classe social ou elite. Toda manifestação da hegemonia não pode prescindir de ambos” (PASSOS, 2014, p.96).

Desta forma, a configuração das forças políticas na Nicarágua garantiu a abertura necessária para a continuidade do projeto sandinista de construção de uma nova hegemonia. Todavia, a abertura à burguesia não demora em tornar-se uma inflexão na Junta de Governo, o que levou a um rompimento. A saída de Violeta Chamorro e Alfonso Robelo teve consequências preocupantes já que os dissidentes aderem a Contrarrevolução. Aquela

burguesia que então apoiara a FSLN, muda de objetivo e passa a impedir a continuidade do processo revolucionário.

Logo, o contexto dos últimos anos do processo revolucionário sandinista era de crise: o avanço da contrarrevolução bancada pelos EUA, a recessão econômica se alastra, a FSLN vai perdendo apoio da população. O rompimento entre a burguesia e a FSLN fez com que surgisse a União Nacional Opositora – a UNO, que adota uma estratégia eleitoral certamente financiada pelos EUA. Segundo Sá (2014, p.232-3),

O processo de asfixia econômica imposta principalmente pela guerra contrarrevolucionária, pelo embargo econômico e pela sabotagem da burguesia conduziu o Governo Sandinista a uma situação de penúria econômica. Do ponto de vista da disputa ideológica, a FSLN havia perdido credibilidade perante a população. Em outras palavras, a crise econômica e também política à qual estava submetido o governo revolucionário era politicamente cada vez mais desfavorável à FSLN e favorável às forças de oposição, especialmente à Contrarrevolução, que durante a campanha eleitoral trabalhou exaustivamente a perspectiva da disputa ideológica, buscando demonstrar que a guerra e a crise econômica eram resultado da política sandinista. Evidentemente, isso não foi coincidência, tendo sido resultado dos embates da correlação de forças entre as duas instâncias políticas mais importantes – a própria FSLN e a principal coligação contrarrevolucionária, a UNO (União Nacional Opositora), financiada pelo governo norte-americano.

Por fim, a FSLN entra em colapso sofrendo várias divisões e rupturas e acaba por também adotar a estratégia eleitoral, com uma exaltação personalista a Daniel Ortega que perdeu o processo eleitoral de 1990 para a liberal Violeta Chamorro, fato que marca o fim da revolução.

A Nicarágua no contexto internacional: o nexo entre a dimensões interna e externa

Ao analisar fenômenos políticos como processos revolucionários de âmbito nacional, parte-se muitas vezes da premissa de que é necessário voltar os olhos às questões internas do país. Porém, partir de uma perspectiva mais ampla de análise que leve em consideração não só questões internas, mas articulando-as com as questões de âmbito internacional, por consequência, os resultados serão certamente esclarecedores e munidos de pleno sentido. De acordo com Mathias (2016, p.98),

Em termos de política internacional, a tendência por explicar fenômenos aparentemente dissociados, contraditórios, distancia-se de abordagens que separam as questões nacionais dos temas da Agenda internacional, por entender que a unidade da sociedade nacional não é rompida por sua dimensão interna ou externa. Assim sendo, a compreensão do Estado em sua totalidade implica a consideração dos pontos de articulação entre as dimensões interna e externa.

Pensar, portanto, a Revolução Sandinista da Nicarágua, nos remete ao contexto político e social do período histórico em voga e a relação entre as unidades políticas que

compunham o sistema internacional. Por mais que a luta sandinista tivesse como principal objetivo a libertação nacional, o que pode ser confundido como uma questão “interna” do país, a pergunta que deve ser feita é: libertar a nação de quem? Do quê? Logo, para refletirmos sobre um processo de revolucionário que levou à libertação nacional, se faz necessário compreender a correlação de forças não só internas, mas externas à Nicarágua; onde tal nação se localiza no tabuleiro do grande jogo internacional; e entender como as relações interestatais influenciam e são influenciadas pelas disputas de poder, pelas disputas hegemônicas no interior das nações e entre elas.

A conjuntura política internacional, na qual ocorreu toda a movimentação que culminou no processo revolucionário sandinista, foi o da Guerra Fria (1945 – 1991). Assim, o Sistema Internacional⁶ apresentava características específicas do período, com uma configuração da relação de forças de tipo bipolar. Conforme Aron (2002, p.157) descreve, no caso de uma configuração bipolar, “duas unidades políticas principais ultrapassam todas as outras em importância, de tal forma que o equilíbrio geral do sistema só é possível com duas coalizões: todos os demais Estados, pequenos ou grandes, ficam obrigados a aderir a um dos dois campos”, e, durante a Guerra Fria, o mundo estava dividido em dois grandes blocos políticos e econômicos, tendo de um lado os EUA como principal ator do bloco capitalista, e a URSS no bloco socialista.

Diante de tal conjuntura, o Estado nicaraguense, sob o comando de Tachito Somoza, era fielmente alinhado aos EUA, compondo o bloco capitalista. Há relatos de que Somoza era “o mimado dos Estados Unidos” e que o militar “tinha carta branca do imperialismo e procedia sem problemas”⁷, assim, sua influência na região centro-americana enquanto um agente do imperialismo estadunidense era extrema. Com a queda do regime somozista e a ascensão do governo revolucionário sandinista, a conjuntura se modifica e a Nicarágua, antes tutelada pelos EUA, passa a estabelecer relações políticas, econômicas e militares com Cuba e URSS.

A alteração no cenário político pós-1979 não pressupõe que os EUA abrissem mão do país centro-americano. Pelo contrário, por mais que não houvesse intervenção militar direta durante o processo revolucionário sandinista, o governo estadunidense, sobretudo o

⁶ Entende-se por Sistema Internacional “o conjunto de unidades políticas que mantêm relações regulares entre si e que são suscetíveis de entrar numa guerra geral”. (ARON, 2002, p.153).

⁷ Entrevista concedida pelo sociólogo e historiador guatemalteco Edelberto Torres Rivas à Raimundo C. Caruso, compiladas no livro “Libre Nicaragua Livre” (entrevistas, reportagens), Edição do autor, 1980, SC, p. 19-35.

de Ronald Regan (1981 – 1989), financiou os *contras*, mercenários contratados para barrar a revolução. Isso ocorreu devido os interesses estadunidenses de longa data. Desde sua independência, os EUA brigavam por hegemonia na região latino-americana, em especial na Central, considerada seu “quintal”. De acordo com Palicer (2017, p. 10),

Logo seriam eles [EUA] a dirigir e dominar os demais Estados da região. Em 1776 os Estados Unidos conquistam sua independência, vinte anos depois duplicaram seu território com a compra da Louisiana dos franceses. Em 1819 conquistaram a Flórida e em 1846 Oregon e Texas deixavam de ser territórios mexicanos para serem anexados aos Estados Unidos, claro sinais desde sua gênese, do vigor expansionista do novo Estado (BANDEIRA, 2009). Todavia, o maior sinal ainda estava por vir. Em 1898 a recente e pujante república dos Estados Unidos enfrenta o decrépito império espanhol na Guerra Hispano-Americana, que modificará drasticamente a geopolítica do continente e das ilhas. A velocidade com que os EUA vencem e a voracidade com que se lançam aos espólios da guerra (as colônias espanholas) é digna de espanto por todo o continente.

Após a Guerra Hispano-Americana, a hegemonia estadunidense se consolida na região, e se manteve por anos, mesmo durante as duas grandes guerras mundiais. O que não significa uma ausência de movimentos e processos de resistências, pois o que se viu foi uma hegemonia que se deu pela coerção em cima das classes subalternas, através de uso dos *mariners* e o financiamento de mercenários de um lado, e por outro lado, o aspecto da direção se dava nos grandes ajustes e acordos entre elites (burguesas e militares, como é o caso da relação da família Somoza com o governo estadunidense). A importância do istmo para os interesses dos EUA se dá principalmente pela posição geográfica privilegiada – não atoa a expressão “quintal” é utilizada – onde a potência norte-americana queria garantir seu posto hegemônico, inclusive perante às outras potências que por ali disputavam hegemonia (britânicos e franceses), e, vital para o planejamento geopolítico e geoestratégico dos Estados Unidos, era a construção do canal que ligasse os oceanos Pacífico e Atlântico, que acaba sendo concretizado no Panamá (PALICER; MATHIAS, 2016, p. 7-8), mas a Nicarágua também foi almejada para a realização do canal.

Assim, em termos de disputa de poder, considerando que os fatores mais estáveis de que depende o poder de uma nação são a geografia e os recursos naturais (MORGENTHAU, 2003, p. 216 e 220), e tendo ciência dos interesses estadunidenses em manter a sua já abalada hegemonia, em especial na região central do continente americano⁸, a Nicarágua representava muito mais que uma nação subordinada, mas um nexo de dominação, controle e poder dos EUA na América Central. Ademais,

O mundo sendo como é, cada unidade política procura influenciar a política da aliança no sentido dos seus interesses próprios, reservando suas forças, o mais

⁸ Referência à Revolução Cubana de 1959 e outros processos de resistência como na Guatemala e El Salvador.

possível, para os empreendimentos que lhe dizem respeito diretamente. [...]. As dificuldades de uma diplomacia ou estratégia de coalizão, embora atenuadas dentro dos blocos permanentes, cimentados por uma ideologia comum ou uma ameaça externa, são, no fundo, as mesmas: as diversas maneiras de manobrar, de combater e de vencer não trazem iguais vantagens a todos os aliados. Mesmo que estes estivessem de acordo sobre a estimativa dos riscos e das oportunidades - o que nunca acontece, dada a incerteza das estimativas -, teriam motivos racionais para controvérsia, uma vez que os métodos possíveis, diplomáticos ou estratégicos, trazem para os aliados, mesmo sinceros, uma repartição desigual dos sacrifícios imediatos e das vantagens eventuais. (ARON, 2002, p. 204-205).

Desta forma, na trama da configuração de relações de forças em um sistema internacional, as alianças estão a serviço das grandes potências ou principais atores das coalizões firmadas, deixando evidente o caráter da relação que os EUA pretendiam com a Nicarágua. E no caso do referido contexto internacional, Aron (2002, p.235) acrescenta que,

Em qualquer sistema bipolar, os atores principais, incapazes de dominar conjuntamente, inclinam-se à competição; o progresso de um deles é um perigo, aos olhos do outro. Hoje, os “grandes” não podem dominar em conjunto devido à incompatibilidade das suas instituições e do princípio de legitimidade que cada um respeita. O mundo inteiro serve de palco para a sua disputa, e todas as fronteiras e países contestados como motivo para uma confrontação que eles não podem resolver com a espada nem com negociação.

Partindo dessas referências, fica perceptível a dinâmica interno – externo em relação ao processo da Revolução Nicaraguense. O período entre os anos 1960-70 foi de extrema repressão, por um lado, e de subversão de outro. Se externamente os EUA, por meio do Somoza e da Guarda Nacional, reprimia a população organizada, internamente os guerrilheiros e guerrilheiras sandinistas subvertiam a ordem das coisas, resistindo e avançando a ponto de eclodir uma guerra que resulta na vitória da FSLN. Nas palavras de Aron (2002, p.245),

Tanto a subversão como a repressão levam à técnica da “reeducação” porque ambas pretendem dissolver uma comunidade, forjando uma outra para ocupar seu lugar. No caso da guerra civil, as comunidades a destruir e a construir são ideológicas; no caso de uma guerra de libertação, são nacionais. As possibilidades de uma e de outra são determinadas previamente não pela qualidade dos meios, mas pela natureza dos homens.

Ademais, reafirma-se a compreensão da Revolução Sandinista como um processo triunfador que colocou em xeque a hegemonia estadunidense e iniciou o processo de construção de uma hegemonia alternativa, uma *nova* Nicarágua.

Porém, o contexto dos últimos anos do processo revolucionário sandinista era de acirramento da crise: a contrarrevolução bancada pelos EUA avança, a recessão econômica se alastra, e a FSLN vai perdendo apoio das massas. Além do mais, a saída de Violeta Chamorro e Alfonso Robelo da Junta de Governo gerou consequências pela adesão à contrarrevolução. O rompimento entre a burguesia e a FSLN fez com que surgisse a União

Nacional Opositora – a UNO, que adota uma estratégia eleitoral financiada pelos EUA. Segundo Sá (2014, p.232-3),

O processo de asfixia econômica imposta principalmente pela guerra contrarrevolucionária, pelo embargo econômico e pela sabotagem da burguesia conduziu o Governo Sandinista a uma situação de penúria econômica. Do ponto de vista da disputa ideológica, a FSLN havia perdido credibilidade perante a população. Em outras palavras, a crise econômica e também política à qual estava submetido o governo revolucionário era politicamente cada vez mais desfavorável à FSLN e favorável às forças de oposição, especialmente à Contrarrevolução, que durante a campanha eleitoral trabalhou exaustivamente a perspectiva da disputa ideológica, buscando demonstrar que a guerra e a crise econômica eram resultados da política sandinista. Evidentemente, isso não foi coincidência, tendo sido resultado dos embates da correlação de forças entre as duas instâncias políticas mais importantes – a própria FSLN e a principal coligação contrarrevolucionária, a UNO (União Nacional Opositora), financiada pelo governo norte-americano.

Aqui ressalta-se a dinâmica entre as dimensões interna e externa da conjuntura referida. Com a decadência gradual do bloco socialista, o apoio econômico e militar da URSS passa a ser cada vez menor e, em especial depois da queda do Muro de Berlim (1989), a Nicarágua Sandinista fica isolada e encurralada pela contrarrevolução. Nas palavras de Sá,

Seria reducionismo atribuir a derrota da Revolução Sandinista aos equívocos da FSLN e não considerar fatores exógenos. A Revolução triunfou em um momento em que o contexto internacional estava adverso às revoluções típicas do ‘Terceiro Mundo’, primeiro porque a crise e o desmoronamento da URSS, que era o principal aporte dessas revoluções, estavam em curso. Segundo, as ações do imperialismo norte-americano travaram qualquer possibilidade de avanço social no projeto revolucionário e em certa medida condicionaram até mesmo o seu triunfo. A aliança com a burguesia desde a insurreição revolucionária efetiva, sobretudo a partir 1977, que formatou o processo e a consignação de um governo pós-Somoza, foi uma condição norte-americana para uma não eventual intervenção direta. (2014, p.245).

A FSLN entra em colapso sofrendo várias divisões, rupturas, e acaba por adotar a estratégia eleitoral com uma exaltação personalista a Daniel Ortega. Reitera-se que o ex-guerrilheiro perdeu as eleições de 1989, passando para a liberal Violeta Chamorro o cargo de presidente no ano de 1990, o que marcou o fim da revolução.

Transformismo e a saída neoliberal

É certo que se trata de reducionismo afirmar que a derrota do processo revolucionário sandinista se deve somente aos erros cometidos pela FSLN. Contudo, pontua-se que tais equívocos são resultado de uma mudança essencial na própria Frente Sandinista, que contribuiu para a derrota. Desta forma, o conceito gramsciano de *transformismo* e suas variantes torna possível a análise dessas alterações na essência da FSLN, que decerto confluíram com o fim da revolução.

Ao longo de sua obra, Antonio Gramsci aferiu o *Risorgimento* na Itália, isto é, o movimento de unificação dos Estados que viriam a formar o país italiano. Em sua análise, o pensador sardo se atenta à dinâmica das disputas entre os principais partidos e forças envolvidas no movimento, e como se deu a revolução que consolida a hegemonia burguesa. Nesse processo, Gramsci afirma que, o que se passou na Itália tratava-se de uma *revolução passiva*⁹, que é o conteúdo do *transformismo*. Toda revolução passiva é fruto da prática do transformismo. Entretanto, ressalta-se que nem toda mudança história transformista resulta nela, pois, de acordo com Sanches (2016, p. 68), “o conceito de *transformismo* é entendido, no interior do debate da corrente gramsciana, como algo possível de se averiguar desconexo de um movimento maior e mais abrangente: a revolução passiva”. Enfim, o transformismo serve como um conceito chave para interpretar as nuances aparentemente incompreensíveis que ocorrem em ideias e práticas políticas de líderes e/ou organizações inteiras.

O processo de transformismo ocorrido na Itália, portanto, acabou por produzir uma classe dirigente ampla, capaz de ceifar, através da cooptação, forças opositoras, construindo assim uma hegemonia na qual a própria direção política torna-se um elemento de domínio. Nas palavras de Gramsci,

pode-se dizer que toda a vida estatal italiana, a partir de 1848, é caracterizada pelo transformismo, ou seja, pela elaboração de uma classe dirigente cada vez mais ampla, nos quadros fixados pelos moderados depois de 1848 e o colapso das utopias neoguelfas e federalistas, com a absorção gradual mas contínua, e obtida com métodos de variada eficácia, dos elementos ativos surgidos dos grupos aliados e mesmo dos adversários e que pareciam irreconciliavelmente inimigos. Neste sentido, a direção política se tornou um aspecto da função de domínio, uma vez que a absorção das elites dos grupos inimigos leva à decapitação destes e a sua aniquilação por um período freqüentemente muito longo. A partir da política dos moderados, torna-se claro que pode e deve haver uma atividade hegemônica mesmo antes da ida ao poder e que não se deve contar apenas com a força material que o poder confere para exercer uma direção eficaz: de fato, a brilhante solução destes problemas tornou possível o *Risorgimento* nas formas e nos limites em que ele se realizou, sem “Terror”, como “revolução sem revolução”, ou seja, como “revolução passiva”. (2002, p. 63, Q 19, § 24).

Destarte, por transformismo entende-se que “é a forma de um processo de mudança histórica cujo conteúdo é a revolução passiva, ou o método das ‘modificações moleculares’” (MACIEL, 2006, p.288). Quanto as variantes moleculares (ou restrita) e ampliada de transformismo, Gramsci aponta, no processo do *Risorgimento* italiano,

Dois períodos de transformismo: 1) de 1860 até 1900, transformismo “molecular”, isto é, as personalidades políticas elaboradas pelos partidos democráticos de oposição se incorporam individualmente à “classe política” conservadora e moderada (caracterizada pela hostilidade a toda intervenção das massas populares na vida estatal, a toda reforma orgânica que substituísse o rígido “domínio”

⁹ Consultar Carlos Nelson Coutinho (2012, p. 118).

ditatorial por uma “hegemonia”); 2) a partir de 1900, o transformismo de grupos radicais inteiros, que passam ao campo moderado. (2002, p. 286, Q 8, §36).

Sistematizado por Maciel, o processo de transformismo em sua variante “molecular”,

se manifesta quando as forças dominantes operam um movimento de cooptação sobre os líderes (intelectuais orgânicos) das forças oponentes, decapitando-as “sob formas e com meios que se podem chamar de ‘liberais’, isto é, através da iniciativa individual, ‘molecular’, ‘privada’ (ou seja, não por um programa de partido elaborado e constituído segundo um plano anterior à ação prática e organizativa)” (GRAMSCI, 2002, p.63). (2006, p.289).

E o outro formato de transformismo, o “ampliado”, é aquele que

se configura como um método muito mais duradouro e eficaz, pois permite a preservação das forças na arena da disputa política, anulando, porém, progressivamente seu caráter contra-hegemônico¹⁰, sem, necessariamente, “decapitá-las”. Nesse caso, as operações de ordem econômico-social, ideológica e política podem ser desenvolvidas para viabilizar a revolução passiva, ligadas, fundamentalmente, a um processo de redefinição do “modo de ser e agir” das forças oponentes, diretamente relacionado à alteração de sua práxis social e, conseqüentemente, de sua práxis política. (MACIEL, 2006, p.289).

Compreendendo o fim da Revolução Sandinista como um processo de mudança histórica, é possível identificar os traços do transformismo no caráter adquirido pela FSLN, tanto no sentido molecular, como no sentido amplo da prática transformista, em especial no fim dos anos 1980. A começar pela cooptação dos líderes revolucionários, onde a heterogeneidade da Junta de Governo representava um perigo para o programa original da Frente Sandinista, e pelo próprio presidente Daniel Saavedra Ortega, principal representante revolucionário por ter sido comandante guerrilheiro, na qual seus discursos demonstravam a mudança de rumos, além de tentativas de manipulação da base, como descreve Sá (2014, p.224):

A segurança do apoio popular [...] levou o presidente Daniel Ortega a dizer, logo após as primeiras medidas de austeridade que somente na Nicarágua se poderia implementar tais medidas econômicas sem uma rebelião popular, pois o povo compreendia a política governamental. Ele estava equivocado, pois a partir das medidas de 1988 a base social que constituía a força política da Frente Sandinista foi definitivamente perdida.

¹⁰ Reforçamos, em nosso entendimento, que o termo “contra-hegemônico” não corresponde aos processos de transformações sociais como a Revolução Sandinista, por se tratarem de movimentos que objetivam a construção de uma nova hegemonia, isto é, uma nova sociabilidade, uma outra concepção de mundo; e não somente representam um movimento de oposição à hegemonia dominante, por isso não se trata de “contra-hegemonia” mas de desenvolvimento de uma alternativa hegemônica. De acordo com Passos, “Não há o conceito de ‘contra-hegemonia’ na obra do comunista sardo. Toda ação política é aspirante à hegemonia no aparato conceitual do comunista italiano, ainda que ela possa não ser efetivamente hegemônica no momento de sua ocorrência. Como categoria dotada de complexidade histórica, há formas completas e incompletas de hegemonia. Este é o sentido de não aparecer a noção de ‘contra-hegemonia’ em momento algum na totalidade da obra gramsciana”. (2015, p. 41).

Em confluência com o transformismo de tipo molecular, há aquilo que, de acordo com Zimmermann, alguns nicaraguenses e pensadores chamaram de corrupção pessoal, visto “que o padrão de vida de muitos líderes da FSLN era muito mais alto, no final dos anos 1980, do que havia sido possível no início da década” (2006, p.148).

No que se trata das características do transformismo em sua variante ampliada na derrocada da revolução, as evidências são ainda maiores. Nesta perspectiva, cabe destaque à dinâmica entre as dimensões interna e externa, podendo afirmar que o transformismo ampliado presente na Frente Sandinista se efetuou em dois sentidos. Um primeiro foi a relação da FSLN para com as massas subalternas. Enquanto governo, o trato com a população nicaraguense estava cada vez mais distante e funcionando de cima para baixo, promovendo alterações de ordem econômico-social, política e ideológica, que se reafirmam quando a Frente Sandinista adere a estratégia eleitoral. Para Sá (2014, p.251),

Do ponto de vista da relação do partido com as massas populares, a FSLN optou pelo dirigismo partidário vanguardista e procurou cooptar os movimentos sociais e as organizações populares, exercendo sobre elas um **processo de transformismo**¹¹. Daquele momento em diante, a FSLN se consolidou mediante uma crescente burocratização e não como um partido de expressão das massas populares. Em outras palavras, ocorreu cada vez mais uma identificação entre o Partido e o Estado, em que o primeiro tinha a função de legitimar as ações do último. Neste sentido, a verticalização partidária visava modelar as massas populares e doutriná-las, fazendo com que o partido não funcionasse como um espaço de expressão do anseio popular, mas como um aparato de construção ideológica subsumida às ações do governo.

Se a FSLN exerceu o transformismo sobre as massas populares nicaraguenses, o outro sentido da mudança histórica que levou à derrocada da revolução, se deu a partir da cooptação exercida desde os EUA, isto é, pelo imperialismo. Ainda de acordo com Sá,

O que o governo norte-americano e a Contrarrevolução conseguiram foi impor à Frente Sandinista um processo de cooptação efetuando um pleito de transformação na líder da revolução nicaraguense. A FSLN é submetida a um processo de transformismo. Não apenas no sentido molecular, mas num sentido mais amplo. Neste caso o oponente não é retirado do jogo político, mas é submetido aos ditames do grupo dominante. (2014, p.186).

Isto mostra que a intenção dos EUA não era destruir a FSLN e seguir com um processo de dominação com base na repressão contrarrevolucionária, mas objetivava a cooptação da luta sandinista, isto é, a anulação da radicalidade das forças oponentes (MACIEL, p.293), utilizando de estratégias como o embargo econômico, os forçados acordos de paz e o financiamento dos *contras*, além da já referida decomposição do bloco socialista que afastou ainda mais a possibilidade de resistência. Sá (2014, p.186) conclui que,

¹¹ Grifo nosso.

Desta forma, o imperialismo norte-americano e a burguesia nicaraguense ligada à Contrarrevolução passaram a anular o caráter contra-hegemônico que representava a revolução liderada pela FSLN. As ações de ordem social, econômica, política e ideológica foram desenvolvidas para modificar ou redefinir o modo de ser e agir da Frente Sandinista, alterando assim sua práxis social e por conseguinte sua práxis política.

Uma questão determinante no processo transformista sofrido pela FSNL, foi a resposta à crise econômica que assolou a Nicarágua em toda a década de 1980. A década de 1980 é considerada a “década perdida” para as nações latino-americanas, devido principalmente às crises da dívida externa. Ao fim dos anos 1980 e início da década de 1990, ocorre o *Consenso de Washington*¹², uma resposta dos EUA, Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional (FMI) para a América Latina, visto que é atribuída uma outra importância geopolítica para a região a partir do fim da Guerra Fria. Para o caminho de saída da dívida externa, ou de capitalização – que é o caso da Nicarágua –, o FMI acabou por estabelecer condicionalidades de acordo com o Consenso de Washington. É desta maneira, para a liberação de crédito, que se condiciona a implementação de reformas voltadas para o mercado nos países latino-americanos, o que acaba configurando a consolidação de um modelo de desenvolvimento liberalizante periférico.

O resultado, de acordo com Zimmermann:

A FSLN respondeu à crise econômica do período pós-guerra com uma série de medidas de austeridade similares às implementadas pelos regimes neoliberais de toda a América Latina. Nos primeiros seis meses de 1988, o governo cortou todos os subsídios às necessidades básicas, deixou de remunerar os lavradores pelos gêneros alimentícios básicos que produziam, desvalorizou drasticamente o córdoba, aboliu o salário mínimo nacional, suspendeu controle de preços, reduziu o controle monetário, extinguiu as restrições à importação de artigos de luxo e praticamente abriu mão de seu controle sobre importações e exportações. Os preços dos alimentos e do transporte público foram às alturas e a desnutrição, que fora largamente eliminada, começou a reaparecer. O sistema de saúde foi parcialmente reprivatizado, levando ao aumento nos índices de mortalidade infantil e materna. A hiperinflação, que chegou a 33.000% em 1988, teve um impacto devastador sobre o bem-estar e o moral dos trabalhadores. [...]. O desemprego subiu para 33%, e o salário médio do trabalhador (dos que tinham arranjado um emprego) comprava 7% das necessidades mínimas de uma família (2006, p. 144).

São estes, portanto, os elementos que concretizaram a derrota da Revolução Nicaraguense, onde a FSLN tanto sofreu quanto exerceu uma função transformista ao longo

¹² Sobre o Consenso de Washington: “conhecido resultado do encontro onde foi produzido o documento que reúne o conjunto de reformas tidas como necessárias para a continuidade das relações entre os Estados Unidos e Instituições Financeiras presentes no Encontro, com os países da América Latina. À época, o documento causou impacto na região porque significou não só adesão à doutrina neoliberal, como também pragmatismo, na medida em que recomendava a implementação imediata de reformas voltadas para e pelo mercado”. (MATHIAS, 2012, p. 125).

do processo e, conforme a tendência imposta pelo imperialismo estadunidense não só na região centro-americana, mas em toda a América Latina, ocorreu por consequência a preparação do terreno para a implementação das políticas neoliberais. Sobre esse assunto, Maciel (2006, p.294) atenta para

a importância da modelagem da arena da disputa política como procedimento decisivo em determinadas experiências de transformismo e revolução passiva. Isto se deve ao fato de as maiores debilidades das frações burguesas, na implantação da sua hegemonia ou dominação, exigirem uma intervenção mais acentuada do Estado sobre a sociedade civil e sobre a própria arena da disputa política. [...], a hegemonia não “nasce na fábrica”, na sociedade civil, mas na sociedade política, por isto depende fortemente da intervenção do Estado como aparelho de hegemonia e instrumento coercitivo.

Assim, fica notório o interesse dos EUA em não só cooptar e ceifar a radicalidade da luta sandinista, mas também financiar as forças de oposição à direita mantendo, de um jeito ou de outro, o Estado a serviço dos interesses imperialistas, isto é, um governo que abdicasse da continuidade do processo revolucionário e que se comprometesse em seguir a tendenciosa implementação de uma democracia neoliberal no país, o que pressupõe para além das alterações de ordem econômica, uma mudança política e ideológica, constituindo o reestabelecimento da hegemonia burguesa sob o formato do neoliberalismo.

Considerações finais

O presente trabalho integra uma pesquisa que se propõe analisar as minúcias do processo de Revolução Sandinista enquanto um processo revolucionário popular que objetivava a formação de uma nova sociedade – construindo assim uma hegemonia alternativa –, com ênfase na organização das mulheres, uma fração de grupo subalterno dentro da FSLN, essencial às primeiras conquistas sandinistas. Todavia, está colocado o desafio em compreender os nexos causais dentro de uma perspectiva que articule política internacional e nacional, questões internas e externas às unidades políticas em questão, ou seja, uma análise dialética da realidade, que só tende a enriquecer os estudos. Sendo o marco teórico desta pesquisa o pensamento de Antonio Gramsci, sob tal perspectiva, verifica-se que ao invés da cisão entre as forças externas e internas, se torna nítido um conjunto de combinações de forças políticas que se definem em ‘hegemonias em disputa’ tanto no interior do Estado, quanto entre esses.

Em síntese, a análise dos fatores internos e externos em relação ao processo revolucionário nicaraguense proporciona o entendimento da função transformista exercida pela FSLN e suas implicações, visto que, encadeados, tais fatores fizeram com que os

objetivos imperialistas fossem cumpridos, levando à derrocada da Revolução Sandinista e a reconstituição de uma burguesia munida de poder econômico e político, hegemônica e característica do Neoliberalismo latino-americano na Nicarágua.

REFERÊNCIAS

ARON, R. *Paz e Guerra entre as nações*. Trad. Sérgio Bath (1 a. edição) Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, vol. 5*. Edição e Tradução, Luiz Sergio Henriques; coedição, Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MACIEL, David. Notas sobre revolução passiva e transformismo em Gramsci. In. *História Revista*, v. 11, n. 02, pp. 273-299, jul./dez. 2006.

MAREGA, Marisa. *A Nicarágua Sandinista*. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense s.a., 1981.

MATHIAS, Meire. *O Desenvolvimento sob impacto das Reformas na América Latina: o legado dos anos 1990*. In. *Novos Rumos*, Marília, v. 49, n. 2, p. 121-134, Jul.-Dez., 2012.

_____. *Para pensar a América Latina: poder e hegemonia nas relações internacionais*. In. *Revista Espaço Acadêmico* – Nº 175 – Dezembro/2015, p 69 – 75. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/30023>. Acesso em 29/06/2017.

_____. Teoria de Relações Internacionais e a Concepção de Política Exterior: uma reflexão em Gramsci. In. *Visões do Sul: Crise e Transformações do Sistema Internacional*. Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos, Alexandre Fuccille (organizadores). – Marília : Oficina Universitária; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2016. p. 97 – 114.

MORGENTHAU, Hans. *A Política entre as Nações: A luta pelo poder e pela paz*. Tradução de Oswaldo Biato. Brasília, DF: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Ipri, 2003.

PALICER, Raony. *O Centro Periférico: a América Central e a Política Internacional*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Ciências sociais, 2017.

_____; MATHIAS, Meire. *Hegemonia e Política Internacional na América Central*. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, PROLAM-USP, 2016.

PASSOS, Rodrigo Duarte F. Dos. Hegemonia Internacional no Século XXI em Perspectiva Gramsciana: Um esboço sobre o papel dirigente das Classes e Grupos Sociais. In. *Relações Internacionais Contemporâneas: novos protagonistas e novas conjunturas*. Rodrigo Duarte

Fernandes dos Passos; Noemia Ramos Vieira; Mirian Cláudia Lourenção Simonetti (organizadores). – Marília: Oficina Universitária ; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 93 – 112.

SÁ, Roger dos Anjos de. *A Revolução Sandinista: do triunfo à derrota (1979-1990)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2014.

SANCHES, Rodolfo. “*Projeto Chile*”: *um elo ativo na revolução passiva*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2016.

VILAS, Carlos M. *Nicarágua, Hoje: Análise da Revolução Sandinista*. 1. ed. Tradução de Cláudia Schilling. – São Paulo : Vértice, 1986.

ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaragüense*. 1. ed. Tradução de Maria Sílvia.

Resumo: Situada na América Central, a Nicarágua foi objeto de disputas devido sua localização estratégica e recursos naturais. Os Estados Unidos da América, principal interessado em manter seu "quintal" sob controle, foi autor de inúmeras invasões até que, com o estabelecimento da Guarda Nacional e com os Somoza no poder, o país norte-americano estabeleceu sua preponderância na relação entre tais nações. Não obstante, toda a violência dos anos de 1940 não impediu que classes subalternas se organizassem numa frente de caráter popular capaz de promover um grande processo de transformação social, político e cultural: a Revolução Sandinista de 1979. Porém, a construção de uma nova Nicarágua não se consolidou, sucumbindo em 1990 com a vitória da liberal Violeta Chamorro nas eleições à presidência. Assim, há de se considerar todo o contexto político externo da Guerra fria, da influência contrarrevolucionária dos EUA e da relação militar e econômica com Cuba e URSS, portanto, se trata de reducionismo afirmar que a derrota do processo revolucionário se deve somente aos erros cometidos pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Todavia, tais equívocos são também resultado de uma mudança na essência da própria Frente Sandinista. Neste sentido, o conceito gramsciano de transformismo e suas variantes torna possível a análise dessa mudança essencial, isto é, do caráter transformista adquirido pela FSLN, que propiciou a decadência do processo revolucionário e as condições necessárias para o reestabelecimento da hegemonia burguesa na Nicarágua.

Palavras-chave: Política Internacional, Transformismo, Nicarágua.

Resumen:

Situada en América Central, Nicaragua ha sido objeto de controversias debido a su ubicación estratégica y los recursos naturales. Los Estados Unidos, el principal interesado en mantener su "patio trasero" bajo control, fue el autor de numerosas invasiones hasta que, con el establecimiento de la Guardia Nacional y de la Somoza en el poder, el país norteamericano estableció su dominio en la relación entre tales naciones. Sin embargo, toda la violencia de la década de 1940 no impidió que las clases más bajas se organizaron en frente del popular personaje capaz de promover un importante proceso de transformación social, política y cultural: la revolución sandinista de 1979. Porém, a construção de uma nova Nicarágua não se consolidou, sucumbindo em 1990 com a vitória da liberal Violeta Chamorro nas eleições à presidência. Por lo tanto, debemos tener en cuenta todo el contexto político externo de la Guerra Fría, la influencia de Estados Unidos y contrarrevolucionaria relación militar y económica con Cuba y la URSS, por lo que es reduccionismo afirmar que la derrota del proceso revolucionario se debe sólo a errores el frente sandinista de Liberación Nacional (FSLN). Sin embargo, este tipo de errores son también el resultado de un cambio en la esencia de la propia Frente Sandinista. En este sentido, el concepto gramsciano de transformismo y sus variantes hace posible el análisis de este cambio esencial, es decir, el personaje travesti adquirida por el FSLN, lo que llevó a la caída del proceso revolucionario y las condiciones para el restablecimiento de la hegemonía burguesa en Nicaragua.

Palabras clave: Nicaragua, Transformismo, Política Internacional.